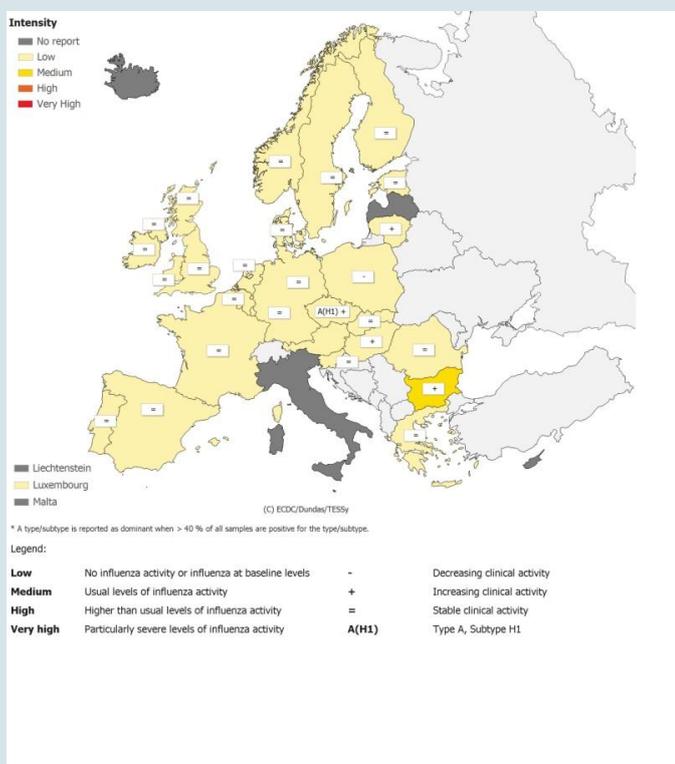


Doenças respiratórias: a gripe não é suspeita



Ver o último WISO em : <http://bit.ly/d5Cwnf>

De acordo com o último Relatório Semanal da Gripe ("Weekly influenza surveillance overview") do European Centre for Disease Prevention and Control (ECDC), a Europa não registava epidemia de gripe, na semana de 8 a 14 de Novembro.

Dos 24 países que reportaram ao ECDC, 23 não registavam actividade gripal ou ela era apenas esporádica. Apenas a Bulgária reportava intensidade 'média' de doenças respiratórias agudas.

Naquela semana, foram detectados apenas 39 casos positivos de vírus Influenza pelos laboratórios nacionais. Destes, 32 eram do tipo A (20 eram H1N1, 4 eram H3N2 e dos restantes desconhecia-se o sub-tipo) e 7 do tipo B. Naquela semana registaram-se 11 casos de infecções respiratórias agudas, nenhuma delas relacionada com vírus Influenza. No caso português, foi apenas detectado um vírus Influenza do tipo B, pela Rede Laboratorial para o Diagnóstico da Infecção por Gripe.

As raras detecções de vírus da gripe e as detecções esporádicas de vírus sincitiais sugerem que a maioria dos sintomas respiratórios mais graves, aparentados com o síndrome gripal, serão devidos a outros agentes patogénicos que não os Influenza.

Vigilância só identificou 1 em cada 4 casos de gripe A



O sistema de vigilância da gripe A (pandémica) montado pelas autoridades de saúde portuguesas só identificou um em cada quatro ou cinco doentes infectados. A estimativa é avançada no relatório preliminar da Direcção-Geral da Saúde (DGS) sobre a pandemia de gripe A em Portugal, que faz um balanço dos números da pandemia e avalia a resposta do Serviço Nacional de Saúde. A necessidade de "melhorar a capacidade de vigilância" é uma das conclusões, realçada em artigo pelo Diário de Notícias, ontem publicado.

Ainda estão a ser feitos mais estudos para melhorar esta estimativa, mas a "sub-notificação médica" é um dos fenómenos apontados pelas autoridades para a diferença entre a taxa de ataque estimada - ou seja, o número de pessoas que se pensa terem sido infectadas - e o número de casos que foi efectivamente declarado. Há outros, nomeadamente o facto de muitos doentes não terem recorrido aos serviços de saúde, por iniciativa própria ou por aconselhamento da Linha Saúde 24, e a ocorrência de casos muito ligeiros ou mesmo sem sintomas.

A sub-notificação preocupa os especialistas, porque dificulta a gestão das pandemias. "Sem a declaração dos casos trabalhamos apenas com estimativas e não conseguimos ter uma noção real do impacto da doença. Logo, podemos não nos preparar suficientemente bem e cometer erros por defeito ou por excesso", refere António Diniz, um dos relatores. O pneumologista defende que em situações deste tipo deverá ser introduzido um mecanismo de notificação obrigatória. "Sabendo que mesmo assim

pode haver falhas", lembra.

O artigo do DN na íntegra: <http://bit.ly/ihfu1g>

O Relatório da DGS pode ser consultado em www.dgs.pt

Gripe A: doentes de risco falharam vacinação

Dos 124 doentes que morreram com gripe A(H1N1) em Portugal, 82 tinham factores de risco - logo, estavam nos grupos definidos pela DGS para receber a vacina contra o H1N1. No entanto, nenhum estava protegido quando foi infectado: apenas dois tinham recebido a primeira dose e outro contraiu a doença uma semana após a vacinação - o organismo demora duas semanas a reagir após a vacina.

Em 29 casos - 35% do total - as vítimas adoeceram pelo menos quatro semanas depois da data em que podiam ter sido imunizadas, segundo o calendário de vacinação para o respectivo grupo de risco. Ou seja, tempo suficiente para, caso tivessem sido vacinados, ficarem protegidas. Para o pneumologista Filipe Froes, estes dados permitem retirar da pandemia outras lições importantes: é necessário aprender a comunicar melhor a noção de risco e aprender a lidar com os novos media. "Uma das grandes vítimas das dificuldades de comunicação foi a campanha de vacinação", diz. Aliás, o relatório da DGS refere que no final de Outubro de 2009, quando começou a campanha, "os movimentos contra a vacinação alcançaram notoriedade inesperada" - graças à Internet mas também aos media tradicionais.

In Diário de Notícias, 24 de Novembro de 2010

Hong Kong: primeiro caso de gripe aviária em 7 anos



As autoridades de saúde de Hong Kong confirmaram, na passada quinta-feira, o primeiro caso de gripe aviária no território em sete anos, detectado numa mulher de 59 anos, que visitou recentemente a China.

O governo de Hong Kong elevou para "sério" o nível de alerta sobre a gripe aviária, o que significa que há um "risco elevado" de se contrair a doença na região, disse à Agência France Press um porta-voz do ministério da Saúde.

As autoridades de saúde tentam determinar se a paciente contraiu o vírus em Hong Kong ou fora do território e estão monitorizando as pessoas que tiveram contacto com ela. A mulher visitou a China entre 23 de Outubro a 1 de Novembro, com o marido e a filha. Durante a viagem não visitou áreas agrícolas nem esteve em contacto com aves.

O último caso humano de gripe aviária em Hong Kong havia sido registado em 2003. Hong Kong foi o primeiro país a sofrer com uma epidemia da doença, em 1997, com seis mortos, uma consequência de uma mutação então desconhecida do vírus da gripe aviária. Milhões de aves foram sacrificadas na ocasião.

Desde 2003, registaram-se em todo o mundo 508 casos de gripe aviária, 302 dos quais resultando em mortes. Apenas três países (Indonésia, Egipto e Vietname) reportaram mortes recentemente.

twitter

Gripenet_pt

As políticas de vacinação contra a gripe na Europa: um estudo comparativo <http://bit.ly/eMbgVI>

EUA: consultas por causa de síndrome gripal representam 1,3% (abaixo da linha.base de 2,5%) <http://bit.ly/kcKg8+>

Variante do H1N1 confunde sistema de 'limpeza' dos pulmões <http://bit.ly/9t516H>